

## TRÈS BRUT. NEM TÃO VITRINEIRA, NEM TÃO TOLA...

Andrey Rosenthal Schlee

Universidade de Brasília,

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,

SQN 205 – Bloco H/206, Brasília, Brasil, [andreyrosenthal@gmail.com](mailto:andreyrosenthal@gmail.com)

## RESUMO

Resumo: O artigo trata da arquitetura brutalista executada durante a década de 1970 no campus da Universidade de Brasília. Para tanto, analisa dois documentos em particular: o livro *UnB: invenção e descaminho*, de Darcy Ribeiro (1978) e o texto *Sobre uma "arquitetura pretensiosa, vitrineira e tola"*, de Miguel Pereira (1985). A partir deles, discute duas interpretações errôneas: a ideia de uma qualidade compulsória das obras de Oscar Niemeyer e a condenação sumária de toda a produção arquitetônica desenvolvida durante o regime militar.

**Palavras-chave:** Brasília. Universidade de Brasília. Brutalismo.

## ABSTRACT

Abstract: The article deals with the brutalist architecture carried out during the 1970s on the campus of the University of Brasilia. Analyzes two documents in particular: the book *UnB: invenção e descaminho*, written by Darcy Ribeiro (1978) and the text *Sobre uma "arquitetura pretensiosa, vitrineira e tola"*, written by Miguel Pereira (1985). From them, discusses two misconceptions: the idea of a compulsory quality of the works of Oscar Niemeyer and the summary condemnation of all architectural production developed during the military regime.

**Keywords:** Brasília. University of Brasilia. Brutalism.

## TRÈS BRUT. NEM TÃO VITRINEIRA, NEM TÃO TOLA...

### INTRODUÇÃO – UM LIVRO

Provavelmente, a ideia não era causar polêmica. O texto teria nascido como um desabafo. O conteúdo poderia ter passado despercebido. Tudo seria esquecido se o autor não fosse o educador Darcy Ribeiro. Mais do que isso, tratava-se de um título da coleção *Depoimentos*, publicada a partir de 1978 pela Avenir Editora. Uma série de livros que, entre outros, contemplou *A forma na arquitetura*, de Oscar Niemeyer; *O marginal Clorindo Gato*, de Carlos Drummond de Andrade; *UnB: invenção e descaminho*, de Darcy Ribeiro; e *A verdade sobre o ISEB*, de Nelson Werneck Sodré. As capas reproduzem a assinatura do respectivo autor, seguidas de um desenho elaborado por Oscar Niemeyer, que ilustrou todos os livros.



Figura 1. Capas dos primeiros volumes da Coleção Depoimentos, 1978.

Embora o primeiro volume trate de arquitetura, interessa especialmente o terceiro, o dedicado à Universidade de Brasília e escrito por Darcy Ribeiro. Nele, o criador fala da criatura.

Na introdução, o jornalista Pompeu de Sousa – um dos fundadores da Faculdade de Comunicação da UnB – explica que o livro é resultado de uma visita, “anônima” e “incógnita”, realizada por Darcy Ribeiro ao campus da Universidade no final da década de 1970. Uma Instituição implantada entre 1962 e 64 e que “resistiu, em agonia, à sua asfixia e desfiguração, de abril de 64 a outubro de 65, quando, afinal, esgotadas todas as resistências, desfez-se, na saída coletiva de quase todos os professores que a compunham.”<sup>1</sup> Explica ainda que, na visita, Darcy Ribeiro pode constatar o contraste negativo entre “a sua Universidade de Brasília e essa que aí

está hoje e lhe conserva apenas o nome...”. Um contraste impregnado de questões ideológicas que, como veremos, envolveu o campo da arquitetura.

## **MANIÈRE BRUTE**

O período foi muito curto. Não permitiu sequer a formatura de um único aluno. No entanto, 1962 a 64, foi suficiente para a implantação, em Brasília, de uma nova experiência de ensino superior que, no caso da arquitetura, desdobrou-se na criação do curso de Arquitetura e Urbanismo<sup>2</sup>, na instalação do Centro de Planejamento (Ceplan) e na execução de uma série de edifícios significativos, na sua maioria, pré-fabricados e em concreto aparente.

O tema da industrialização da construção estava na base da UnB. De um lado, em função dos próprios objetivos e compromissos da Instituição – buscar soluções para os problemas do Brasil –, de outro por razões pragmáticas, pois era necessário cumprir um ambicioso programa de obras em um curto espaço de tempo. Darcy Ribeiro impôs o ritmo das obras e os arquitetos optaram pela pré-fabricação.

Em 1962, Lucio Costa desenhou o plano de urbanização da cidade universitária. Já em 1963, um número especial da revista Módulo<sup>3</sup> foi destinado à Instituição. Segundo matéria então publicada, o urbanismo do campus estava sob responsabilidade de Lucio Costa<sup>4</sup>, Jaime Zettel e Ítalo Campofiorito; enquanto os projetos arquitetônicos cabiam a Oscar Niemeyer, João Filgueiras Lima (Lelé), Sabino Barroso, Glauco Campelo, Virgílio Sosa Gomes, Evandro Pinto, Abel Accioly e Hilton Costa – todos “cariocas”<sup>5</sup> e atuando no Ceplan. Embora não citados pela Módulo, completavam o grupo de projetistas os arquitetos Alcides da Rocha Miranda e Sérgio Rodrigues.

Ainda em 1962, o campus começou a receber suas primeiras construções. Algumas provisórias, outras tantas definitivas. Era necessário construir muito e rapidamente. Teve início a primeira fase da arquitetura da UnB, caracterizada – sobretudo – pela experimentação e pela adoção e/ou desenvolvimento de peças estruturais pré-moldadas e de sistemas construtivos pré-fabricados em concreto aparente. Assim, foram executados: o Instituto Central de Ciências, ICC/“Minhocão” (Oscar Niemeyer e Lelé); os cinco pavilhões de Serviços Gerais (Oscar Niemeyer e Lelé); os três pavilhões de Serviços Gerais (Lelé); os quatro blocos residências da chamada Colina Velha (Lelé); o protótipo habitacional (Oscar Niemeyer e Lelé); o ambulatório I do Centro Integrado de Ensino Médio (equipe do Ceplan); a sede do Instituto de Teologia (Oscar Niemeyer e Lelé); o conjunto de edificações da Faculdade de Educação (Alcides da Rocha Miranda); e os pavilhões Oca 1 e Oca 2 (adotando o sistema de arquitetura industrializado em madeira SR2, de Sérgio Rodrigues).

## **TRÈS BRUT**

Em abril de 1964, a Universidade de Brasília foi invadida, desrespeitada e brutalizada. Os militares tomaram o poder. E lá se foi o reitor Anísio Teixeira, numa sucessão de atos de força, que culminaram no desmonte da Instituição e, como dito, na demissão – em bloco – de cerca de 90%

dos seus docentes. “No curso de arquitetura, o professor Edgar Graeff foi demitido e a totalidade dos professores se incorporou ao pedido coletivo de demissão”<sup>6</sup>, o que inviabilizou a continuidade das atividades de ensino e comprometeu os trabalhos em desenvolvimento no Ceplan.

Anos mais tarde, em 1968, Oscar Niemeyer refletiu sobre o episódio, argumentando que “politicamente, deveríamos ter ficado na universidade, marcando nossa presença resistente. Nosso pedido de demissão foi um ato pequeno-burguês...”<sup>7</sup> Tal manifestação, de certa forma, referendou – ou abençoou<sup>8</sup> – o trabalho que vinha sendo desenvolvido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) no sentido de reconstrução e reabertura do curso de Arquitetura e Urbanismo da UnB.

Reconstrução e reabertura que implicaram na constituição de um novo corpo docente e que levou à substituição do grupo “carioca” de arquitetos por outro, hegemonicamente, “paulista”<sup>9</sup>. Os presidentes do IAB, Fábio Penteadó e Eduardo Kneese de Mello, assumiram a missão política da reabertura. Um Grupo de Trabalho<sup>10</sup> foi formado com profissionais oriundos de diferentes escolas do país e constituído por Miguel Pereira, Paulo Mendes da Rocha (logo substituído por Paulo de Mello Bastos), Paulo Magalhães, José Liberal de Castro e Neudson Braga. A escola foi reaberta em 4 de outubro de 1968. Miguel Pereira assumiu a coordenação dos cursos do ICA/FAU – Instituto Central de Artes e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – e Pedro Paulo de Mello Saraiva passou a dirigir o Ceplan.

Como consequência, já partir de 1970, teve início o que podemos chamar de segunda fase da arquitetura da UnB. Uma arquitetura caracterizada pelo uso preponderante do concreto armado de forma bruta e expressiva. Um período marcado pelo abandono das experiências de pré-fabricação e pela execução *in loco* das peças estruturais e de vedação em concreto. Os precedentes – na grande maioria dos exemplos – deixaram de ser cariocas e voltam-se principalmente para a produção paulista. Sempre atenta, a professora Sylvia Ficher explica:

*Quanto a Niemeyer, seus projetos do início da década de 1960 também indicam sua adesão à manière brute. São exemplos a Catedral, o Palácio do Itamaraty e o Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília. Em outras palavras, ao longo da década de 1960, a recém-inaugurada Brasília começava a exibir obras brutalistas e se tornava um dos polos de difusão da nova tendência. Contudo, o principal centro de produção de arquitetura brutalista entre nós era São Paulo, dando origem a uma escola própria de grande influência nacional na década de 1970... Desse modo, ao percorrer Brasília, deparamo-nos com várias edificações representativas dessas duas vertentes do Brutalismo – a carioca e a paulista...*<sup>11</sup>

Na UnB, o prédio da Biblioteca Central (Miguel Pereira e José Galbinski) inaugurou a nova fase. A ele seguiram outros, todos de orientação brutalista, como o Restaurante Universitário (José Galbinski); a Reitoria (Paulo Zimbres); os blocos da Casa do Estudante (Léo Bonfim Júnior e Alberto Fernando Xavier); e o prédio da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados (Matheus Gorovitz). Ainda nessa fase foram construídos o Núcleo de Medicina Tropical, a Faculdade de

Ciências da Saúde e a Faculdade de Tecnologia, todos de Adilson Costa Macedo e Érico Siegmair Weidle, com orientação mais próxima do brutalismo inglês.

## **ARQUITETURA PRETENSIOSA, VITRINEIRA E TOLA?**

Como dito, *UnB: invenção e descaminho* (1978) resultou de uma visita de Darcy Ribeiro ao campus da Instituição no final da década de 1970. Portanto, o criador pode constatar a vida universitária ocorrendo em muitos dos edifícios acima citados. Edificações executadas antes e durante o exílio do educador (1964-76). Antes e durante o regime militar (1964-85). Uma UNB, após quatorze anos de ausência, retratada com rancor em capítulo intitulado “A utopia vetada”:

*A universidade, aparentemente, era aquele conjunto de prédios bons e ruins que eu via à luz do sol da tarde, primeiro de dentro do taxi do aeroporto, depois andando por toda a parte. Belíssimo o Minhocão, que eu vi nascer das mãos de Oscar e de Lelé... Pena que a mediocridade e a inveja tenham privado Brasília da maior parte do que Oscar projetou para a Universidade. Penso, principalmente, na Praça Maior... Outro conjunto que eu queria muito e de que nada ficou do risco original de Oscar foi o Centro Olímpico... De tudo isso que poderia ter sido, só se salvou o Minhocão. Mas ao seu lado, quanta arquitetura pretenciosa, vitrineira e tola...<sup>12</sup>*

Ou seja, a arquitetura do “antes” – a de Oscar Niemeyer – era a boa, e a que foi construída “durante” – a dos outros – era a ruim.

A reação tardou. Só veio em 1985. Qualquer crítica ao texto poderia ser encarada com uma atitude de apoio aos militares ou uma contraposição à Oscar Niemeyer. Brasília estava comemorando 25 anos. No bojo das comemorações, coube mais uma vez a Miguel Pereira a tarefa da reconstrução. Em artigo publicado na revista *Projeto*, o arquiteto, indignado, afirmou:

*O pluralismo das tendências arquitetônicas hoje objetivadas no campus da UnB, sim, faz pensar, positivamente, no diálogo aberto e necessário do movimento brasileiro de arquitetura. Porém, esse pluralismo incomoda a muita gente. Mas há que se concordar que essa experiência é mesmo pretenciosa, porque pretende enraizar esse fecundo e salutar pluralismo. É também vitrineira, porque quer fazer transparente o pensamento e o talento dos professores ao nível mesmo de um compromisso com os estudantes, enquanto pesquisa e competência. Tola ou medíocre são conceitos apenas cabíveis na visão autoritária e possessiva do professor Darcy Ribeiro.*<sup>13</sup>

Vejamos então, do conjunto de edifícios executados após a reabertura do curso de Arquitetura e Urbanismo (1968), alguns exemplos dessa arquitetura plural e brutalista (que deve ser compreendida e valorada em seu contexto, o da década de 1970).

Projetado em 1969 e inaugurada em 73, o prédio da **Biblioteca Central** é de autoria de Miguel Pereira, José Galbinski, Jodete Rios Sócrates e Walmir Aguiar, com colaboração de Milton Ramos. Trata-se de um grande bloco de concreto aparente, de caráter tectônico e introvertido,

quer dizer, que expressa claramente a sua relação com o solo e volta-se para o seu interior. O partido adotado sugere uma edificação oblonga engastada em uma outra, com maior altura e desenvolvimento transversal, o que resulta em uma construção tripartida no sentido longitudinal, com as extremidades (leste-oeste) mais baixas em relação à porção central, que é marcada e valorizada pelos pórticos de inspiração corbusieana (como os do Palácio da Assembleia de *Chandigarh*, 1962). Embora boa parte do prédio possua três pavimentos, tal leitura não se faz de maneira direta via exterior, uma vez que suas fachadas principais (norte e sul) são protegidas por grandes panos verticais de concreto aparente, que funcionam como *brises-soleil*. Os gigantescos protetores estão conectados a delicados pontos de apoio – no solo e na laje curva de cobertura do pórtico –, de maneira a sugerir certa “leveza” e possibilidade de “movimento”. O interior apresenta espaços variados e modulados, criados em função das necessidades funcionais e de conforto ambiental da biblioteca, mas valorizados pelo criativo conjunto de móveis ou equipamentos fixos projetados também em concreto, em contraste permanente com as divisórias envidraçadas. Na Biblioteca Central da UnB, os arquitetos exploraram as possibilidades estruturais e plásticas do concreto armado, em um jogo simultâneo de sugestão e negação de leveza dos elementos propostos.

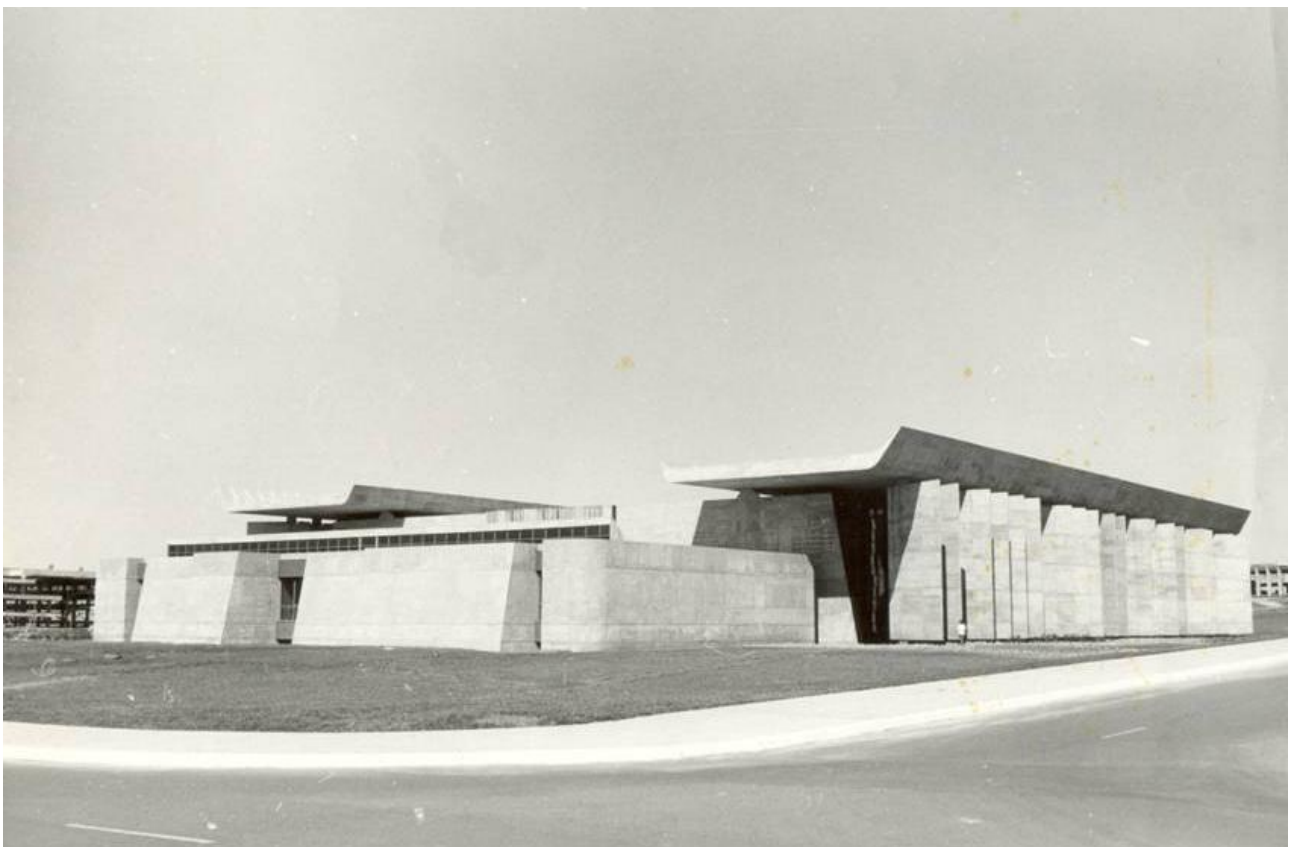


Figura 2. Biblioteca Central. Fonte: CEDOC-UNB.

O **Restaurante Universitário** foi projetado por José Galbinski, com a colaboração Antônio Carlos Moraes de Castro, e executado de 1971 a 74. O edifício é intrigante e inovador. Intrigante por sua forma e concepção estrutural. Inovador por sua proposta original, que inverte a organização tradicional desse tipo de edifício, situando a cozinha no nível mais elevado da construção. Assim, temos uma “caixa” (por vezes cega) de concreto aparente, apoiada em um sistema rígido de pilares cruciformes e elevada cerca de três níveis em relação ao solo. No interior da “caixa” ficam a cozinha e os demais espaços de apoio – tudo preponderantemente ventilado e iluminado zenitalmente. A “caixa” empresta caráter atectônico ao conjunto e, competentemente, esconde o que não deve aparecer (dutos, exaustores, chaminés, etc.). Da “caixa” para baixo, tudo fica envidraçado, transparente, vazado e contínuo. Ou seja, os diferentes pavimentos de refeitórios foram distribuídos a cada meio-nível, e articulados por meio de rampas. O espaço resulta variado e muito agradável (uma vez protegido pelos longos beirais e/ou por *brise-soleil*). Uma edificação absolutamente gregária. Externamente, além dos jardins e espelhos d’água, o prédio é marcado por elementos plasticamente expressivos de circulação vertical (como a escada helicoidal da fachada sul), que interligam as duas caixas, a de concreto bruto e a de vidro: cozinha e refeitórios. Assim como o prédio da Biblioteca Central, o RU apresenta um criativo mobiliário fixo, projetado também em concreto.

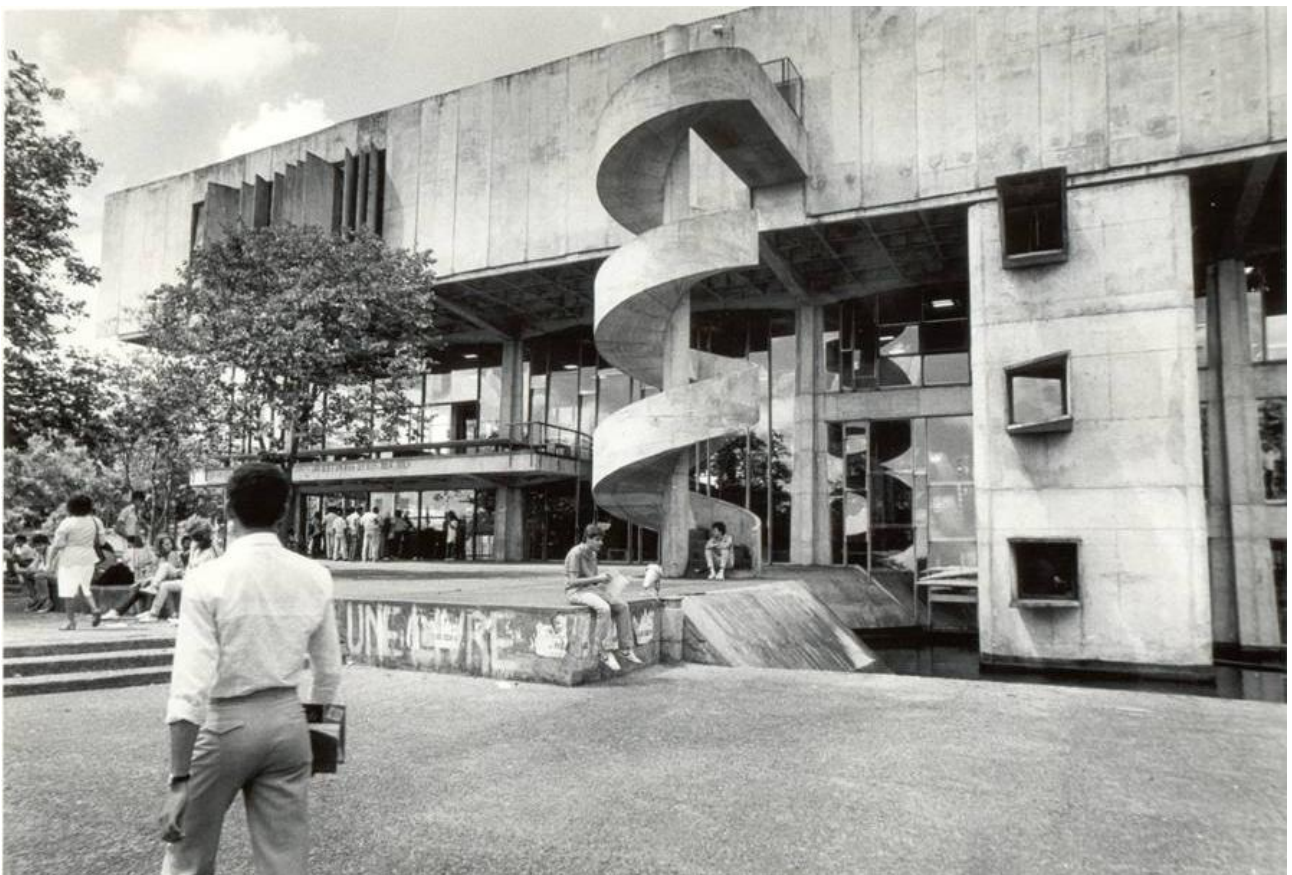


Figura 3. Restaurante Universitário. Fonte: CEDOC-UNB.



O prédio da **Reitoria** foi projetado por Paulo de Mello Zimbres, com a colaboração de Érico Weidle, e executado de 1972 a 75. O edifício da Administração Central pode ser considerado como um dos mais importantes entre os que compõem o Campus Universitário. Uma construção de base quadrada, toda erguida em concreto armado aparente, que resulta do jogo inteligente entre os diferentes níveis de dois blocos retangulares paralelos e afastados entre si. Cada pavimento guarda um desnível de meio pé-direito em relação ao imediatamente inferior (que corresponde ao bloco adjacente), de maneira que um sistema de rampas transversais e contínuas interliga todos os níveis, no qual cada patamar corresponde a um pavimento. Entre os dois blocos, desenvolve-se um grande jardim, provido de rica vegetação e protegido por grelha de cobertura (ora vazada e ora cega). Para ele, voltam-se muitos dos espaços do prédio, o que garante ao conjunto jardins-rampas o aspecto de coração da edificação. Segundo o memorial que acompanha o projeto, a distribuição de funções no conjunto foi planejada a fim de garantir fluxo decrescente para os pavimentos superiores. Assim, os espaços – do ponto de vista simbólico ou hierárquico – considerados mais nobres ou importantes estão localizados nos níveis mais elevados, como o Gabinete do Reitor. O Salão de Atos e o Auditório Suspenso projetam-se sobre o jardim, anunciando suas funções e enriquecendo o ambiente. O volume do auditório é particularmente expressivo, já que suportado por tirantes fixados na estrutura de cobertura. O prédio da Reitoria apresenta ainda outras qualidades, entre elas a sua escala e o seu constante diálogo com o exterior. Na UnB, a Administração Central pode ser acessível por todos os lados. A arquitetura não propõe barreiras. Ao contrário, propõe um oásis no meio do cerrado. Conforme Sylvia Ficher:

*Vazado para o exterior e integralmente construído em concreto armado, com exceção de divisórias e caixilhos, o edifício da Reitoria da UnB é um dos mais importantes exemplos de orientação brutalista na arquitetura brasileira da década de 1970... Esse partido é um desenvolvimento evidente, e de grande sensibilidade, do projeto de Vilanova Artigas para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1961).<sup>14</sup>*



Figura 4. Reitoria. Fonte: CEDOC-UNB.

O prédio da **Faculdade de Ciências da Saúde**, juntamente com o da Faculdade de Tecnologia, representam uma nova maneira de pensar e projetar espaços educacionais na UnB. Foi projetado, em 1973, por Adilson Costa Macedo e Érico Paulo Siegmur Weidle, com a colaboração de C. E. Roscoe, A. Villanova e C. M. Franci, e executado de 1978 a 80. Os arquitetos propuseram uma edificação que resulta da decomposição do programa de necessidades e da rejeição do partido fechado em volume único. Dessa forma, tem-se uma composição aditiva e aberta, caracterizada – entre outras coisas – pela complexidade das circulações que articulam os diferentes blocos funcionais e resolvem as diferenças topográficas dos respectivos lotes. Assim, no caso da Ciências da Saúde, conforme memorial que acompanha o projeto, os vários setores foram agrupados em um conjunto de unidades espaciais, dimensionadas a partir dos módulos de laboratórios, áreas-programa de pesquisa, setores administrativos e de serviços; e o sistema de agrupamento foi feito em função dos fluxos de circulação dos usuários. Trata-se de um complexo edificado, composto de três conjuntos paralelos de edificações, que se desenvolvem no sentido longitudinal, e que são interseccionados, transversalmente, por dois grandes eixos de circulação principal (gerando um esquema de dupla “espinha de peixe”). Em decorrência, entre os distintos volumes edificados, temos sequências de surpreendentes pátios internos. O complexo foi implantado de maneira que, respeitando a configuração natural do terreno, cada um dos conjuntos funcionais apresenta solução distinta: a administração e os serviços em dois pavimentos, os

laboratórios de pesquisa em outros dois e os laboratórios multidisciplinares em um outro nível. Todo o conjunto foi erguido com estrutura de concreto armado com vedações externas em alvenaria de tijolos aparentes. A volumetria do conjunto é marcada, ainda, pelo emprego constante de sistemas de proteção solar e de iluminação zenital do tipo *shed*.

Por sua vez, o conjunto da **Faculdade de Tecnologia**, também de Adilson Costa Macedo e Érico Siegmur Weidle, foi executado de 1974 a 77. Conforme memorial que acompanha o projeto, a implantação no terreno foi definida a partir do zoneamento dos vários setores de atividades e dos fluxos de circulação de usuários. Foram estudados os tipos de espaços mais adequados a cada atividade nos vários ambientes, sistematizando-se grupos de unidades espaciais básicas. Respeitando esses tipos, a implantação dos fluxos de circulação gerou uma forma aberta para o edifício. Trata-se de um complexo edificado, composto de quatro conjuntos paralelos de edificações (um administrativo e três didáticos), que se desenvolvem no sentido longitudinal, e que são interseccionados, transversalmente, por dois grandes eixos de circulação principal (gerando um esquema de dupla “espinha de peixe”). Em decorrência, entre os distintos volumes edificados, temos sequências de pátios internos. O complexo foi implantado de maneira que, respeitando a configuração natural do terreno, cada um dos conjuntos funcionais distribui-se em um nível. Como no prédio da Faculdade de Ciências da Saúde, todo o conjunto foi erguido com estrutura independente de concreto armado com vedações externas em alvenaria de tijolos aparentes. A volumetria do complexo é marcada, ainda, pelo emprego constante de sistemas de proteção solar e de iluminação zenital do tipo *shed*. Segundo a professora Sylvia Ficher:

*A Faculdade de Tecnologia oferece um dos ambientes mais agradáveis do campus, graças à integração de seus espaços internos e externos. O seu projeto, assim como o da Faculdade de Ciências da Saúde, afasta-se da tradição arquitetônica estabelecida por Oscar Niemeyer no campus, ao empregar uma linguagem típica do brutalismo inglês.*<sup>15</sup>

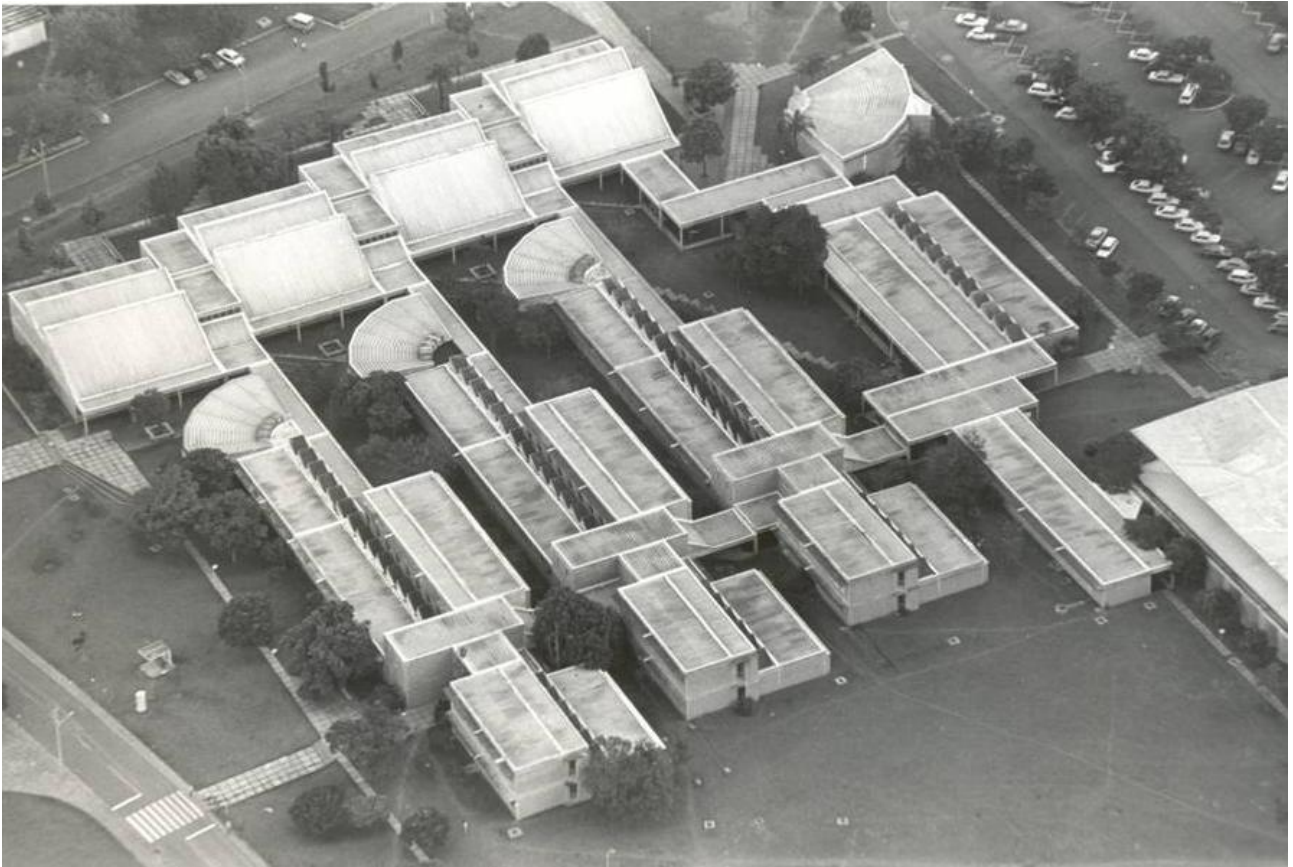


Figura 5. Vista aérea do prédio principal da Faculdade de Tecnologia. Fonte: CEDOC-UNB.

O conjunto de edificações especialmente construídas para a FT é composto pelo prédio principal e por dois pavilhões adjacentes: o do Laboratório de Termociência e Metrologia Dinâmica e o do Laboratório Hidráulica e Estruturas. Ambos caracterizam-se pela singularidade volumétrica resultante da forma e sistema construtivo adotados. Os dois apresentam uma base composta pela repetição ritmada de peças descontínuas de alvenaria de tijolos aparentes (formando uma espécie de meandro). Tais bases são responsáveis pela vedação, contenção e delimitação das áreas funcionais. Delas, brotam conjuntos articulados de parabolóides hiperbólicos de concreto armado que, ao se projetarem no exterior, cobrem os laboratórios. O de Termociência tem forma retangular e é coberto por oito parabolóides, enquanto o de Hidráulica é quadrado e coberto por nove peças.

O edifício da **Faculdade de Estudos Sociais Aplicados** foi projetado por Matheus Gorovitz, com a colaboração Maurício Azeredo. Executado no final da década de 1970, foi inaugurado em 1982, portanto após a publicação do livro de Darcy Ribeiro. Mesmo assim, deve ser mencionado entre os que ilustram o segundo momento da arquitetura da UnB. Para o observador apressado, trata-se de um prédio de dois pavimentos em forma de “U”, que delimita um pátio rebaixado. Já para o observador atento, o prédio pode significar algo mais. Primeiro, porque os arquitetos retomam o tema do pátio central e, a partir dele, estabelecem um processo de construção e definição da forma arquitetônica. Segundo, porque ao assumirem tal processo aproximaram-se da história da

arquitetura e da obra de Le Corbusier – particularmente do Monastério de *La Tourette* (1957-1960). A origem da forma de ambos os projetos é o claustro monástico tradicional, quadrado e fechado em todos os lados. Claustro deformado e decomposto, de maneira a gerar uma ruptura entre suas partes. No caso desse prédio, o processo resultou na definição de três blocos funcionais que guardam certo paralelismo com as vias de acesso. Um primeiro bloco, com a forma de um “L”, para abrigar a administração e os professores; um segundo, retangular, para as salas de aula; e um terceiro, poligonal irregular, para o auditório. O pátio com piso rebaixado é rico e trabalhado, mas permanece contido entre os elementos construídos. A circulação é periférica aos blocos e voltada para o pátio. Uma passarela metálica fecha (ou liga) a composição de maneira a reconstruir o tipo original. As fachadas externas são marcadas e protegidas por placas de concreto aparente: painéis horizontais na fachada leste e grandes abas na fachada oeste. O prédio é introvertido. Um bom exemplo de como usar a história para construir o novo.

## CONCLUSÃO - VÍCIO IDEOLÓGICO

O texto de Darcy Ribeiro expõe claramente duas interpretações errôneas e que tem permeado a história (e a parca crítica) da arquitetura brasileira, especialmente a escrita sobre as obras produzidas a partir da década de 1930: a ideia de uma qualidade compulsória das obras de Oscar Niemeyer e a condenação sumária de toda a produção arquitetônica desenvolvida durante o regime militar.

Darcy Ribeiro resume claramente a primeira interpretação: “foram necessárias décadas de acumulação cultural para que a cidade do Rio de Janeiro produzisse Oscar Niemeyer e Lucio Costa. Só porque contávamos com eles é que a criação de Brasília não foi um fiasco”.<sup>16</sup>

Complementa e explica o educador:

*Imagina-se, agora, o horror que seria Brasília edificada no estilo do Ministério da Fazenda, ou do Ministério da Guerra, ou do Ministério do Trabalho, do Rio de Janeiro. Seria um fiasco mundial! O que salvou foi Juscelino, que tinha a grandeza necessária para, enfrentando toda a mediocridade que anda por aí, entregar a Oscar Niemeyer a tarefa de arquitetar a nova capital...*<sup>17</sup>

Conforme a lógica e o juízo de valores de Darcy Ribeiro, seria possível concluir que, assim como as edificações arte-déco não eram suficientemente boas para Brasília, os edifícios brutalistas da década de 1970 não serviam para a UnB.

A segunda interpretação diz respeito à pretensa falta de qualidade do que foi construído após o golpe de 1º de abril de 1964. E pode ser justificada pelo simples fato de que elogiar ou reconhecer qualidade em uma obra executada durante o regime militar poderia ser interpretado como uma demonstração de aprovação ou simpatia à ditadura. Miguel Pereira contextualiza:

*É necessário registrar, ainda, que naquela época era superlativamente sabido pelo IAB e pela comunidade dos arquitetos, que havia um problema ético-profissional a ser superado, e*

também ideológico, já que, pelo regime autoritário inaugurado em 1964, não tínhamos nenhuma simpatia...<sup>18</sup>

Assim, as obras da UnB da década de 1970, mesmo que “abençoadas” por Oscar Niemeyer e com qualidades inquestionáveis, foram condenadas. O problema é que tal condenação não ficou restrita à Universidade, estendendo-se a outras obras brutalistas importantes. É o caso do Oratório do Soldado, de Milton Ramos (1972); da sede do Departamento Nacional de Rodagem (DNER), de Rodrigo Lefèvre (1974); e o Edifício Dataprev, de Lelé (1977), entre outras.

Certo estava Miguel Pereira:

*O lamentável é que o Professor [Darcy Ribeiro], sob o peso dessa sua emoção, tenha cometido irreparável agressão aos professores [da UnB] ... E não importa que isto tenha acontecido por desinformação, paixão irrefletida, vício ideológico, cacoete olimpiano ou mágoa de narciso. Importante é que seu depoimento está registrado em livro, divulgado e conhecido, e que por isso merece reparos...*<sup>19</sup>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FICHER, Sylvia. **Guiarquitetura Brasília**. São Paulo: Empresa das Artes, 2000.

Universidade de Brasília. **Módulo**, Rio de Janeiro, n.32, mar., 1963.

PEREIRA, Miguel. **Arquitetura e os caminhos de sua explicação**. São Paulo: Projeto, 1984.

PEREIRA, Miguel. **Arquitetura: cultura, formação, prática e política profissional**. São Paulo: Pini, 2005.

PEREIRA, Miguel. Sobre uma “arquitetura pretensiosa, vitrineira e tola”. **Projeto**, São Paulo, n.74, p.65-67. 1985.

RIBEIRO, Darcy. **UnB: invenção e descaminho**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.

ROSSETTI, Eduardo. **Arquitetura de Brasília**. Brasília: ITS, 2012.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. **Um registro necessário**. Brasília: Ceplan-UnB, 2006.

UNB. **Plano orientador da Universidade de Brasília**. Brasília: EdUnB, 1962.

---

<sup>1</sup> SOUZA, Pompeu de. In. RIBEIRO, Darcy. **UnB: invenção e descaminho**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978. p.7.

<sup>2</sup> O Curso de Arquitetura e Urbanismo estava organizado em três segmentos fundamentais: o da Composição e Planejamento, dirigido por Glauco Campello; o da Tecnologia, dirigido pelo próprio Lelé; e o da Teoria e História, dirigido por Edgar Graeff. Oscar Niemeyer era o coordenador geral e Ítalo Campofiorito o secretário executivo. Alcides da Rocha Miranda coube a direção do Instituto Central de Artes.

<sup>3</sup> Universidade de Brasília. **Módulo**, Rio de Janeiro, n.32, mar., 1963, p.8.

<sup>4</sup> Mais uma vez, numa condição *ad hoc*.

<sup>5</sup> “Cariocas” no sentido de sua ligação direta com o arquiteto Oscar Niemeyer.

<sup>6</sup> Segundo depoimento do arquiteto Fernando Burmaister para o Centro de Documentação da UNB.

<sup>7</sup> NIEMEYER, Oscar. In. PEREIRA, Miguel. Sobre uma “arquitetura pretensiosa, vitrineira e tola”. **Projeto**, São Paulo, n.74, 1985. p.67.

<sup>8</sup> O arquiteto Miguel Pereira explica que todas as propostas do Grupo de Trabalho da UnB foram apresentadas e aprovadas por Oscar Niemeyer. **Projeto**, São Paulo, n.74, 1985. p.66.

- 
- <sup>9</sup> Darcy Ribeiro fala que “Brasília, tal como fora concebida e estava sendo criada, representava o fruto mais maduro da *cultura-Rio*”. In. **UnB: invenção e descaminho**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978. p.75.
- <sup>10</sup> Os trabalhos do GT foram acompanhados e aprovados pelos representantes dos estudantes: Roberto Martins Castelo, José Antônio Prates, Fernando José de Andrade, Tancredo Maia Filho e Mauro de Azambuja Villanova Neto.
- <sup>11</sup> FICHER, Sylvia. **Guiarquitetura Brasília**. São Paulo: Empresa das Artes, 2000. p.66.
- <sup>12</sup> RIBEIRO, Darcy. **UnB: invenção e descaminho**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978. p.36 e 41.
- <sup>13</sup> PEREIRA, Miguel. Sobre uma “arquitetura pretensiosa, vitrineira e tola”. **Projeto**, São Paulo, n.74, 1985. p.67.
- <sup>14</sup> FICHER, Sylvia. **Guiarquitetura Brasília**. São Paulo: Empresa das Artes, 2000. p.163.
- <sup>15</sup> FICHER, Sylvia. **Guiarquitetura Brasília**. São Paulo: Empresa das Artes, 2000. p.165.
- <sup>16</sup> RIBEIRO, Darcy. **UnB: invenção e descaminho**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978. p.75.
- <sup>17</sup> RIBEIRO, Darcy. **UnB: invenção e descaminho**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978. p.76.
- <sup>18</sup> PEREIRA, Miguel. Sobre uma “arquitetura pretensiosa, vitrineira e tola”. **Projeto**, São Paulo, n.74, 1985. p.67.
- <sup>19</sup> PEREIRA, Miguel. Sobre uma “arquitetura pretensiosa, vitrineira e tola”. **Projeto**, São Paulo, n.74, 1985. p.67.